

PROXIMIDADE ASSIM COMO A CIDADE MINEIRA DE GOVERNADOR VALADARES, MANTENÓPOLIS TAMBÉM "EXPORTA" SEUS MORADORES

Mantenópolis vira a Valadares do Extremo Norte capixaba

No município, a febre é ir tentar a vida nos Estados Unidos; dólar já invadiu economia

NILO TARDIN

COLATINA. O efeito cascata da emigração, que levou milhares de brasileiros a viver nos Estados Unidos a partir de meados da década de 80, se reproduziu no Espírito Santo com mais força na pequena cidade de Mantenópolis, já descrita como a "Valadares Capixaba".

Não há dados exatos, até porque 95% dos emigrantes são ilegais. Porém, sabe-se que pelo menos 2 mil mantenopolitanos decidiram viver na América do Norte nos últimos anos. O fenômeno mudou o perfil econômico da cidade. Em resumo: o lugar respira dólares.

A dolarização provocou uma supervalorização dos imóveis na faixa de 200%. Mas há também "resíduos" amargos, entre os quais a desintegração familiar das muitas pessoas que foram trabalhar no exterior.

Divisa. Próxima da divisa de Minas Gerais, Mantenópolis foi afetada pelo surto migratório regional de moradores das cidades mineiras para a América, liderado em nível nacio-

cípio situado no extremo Norte do Espírito Santo.

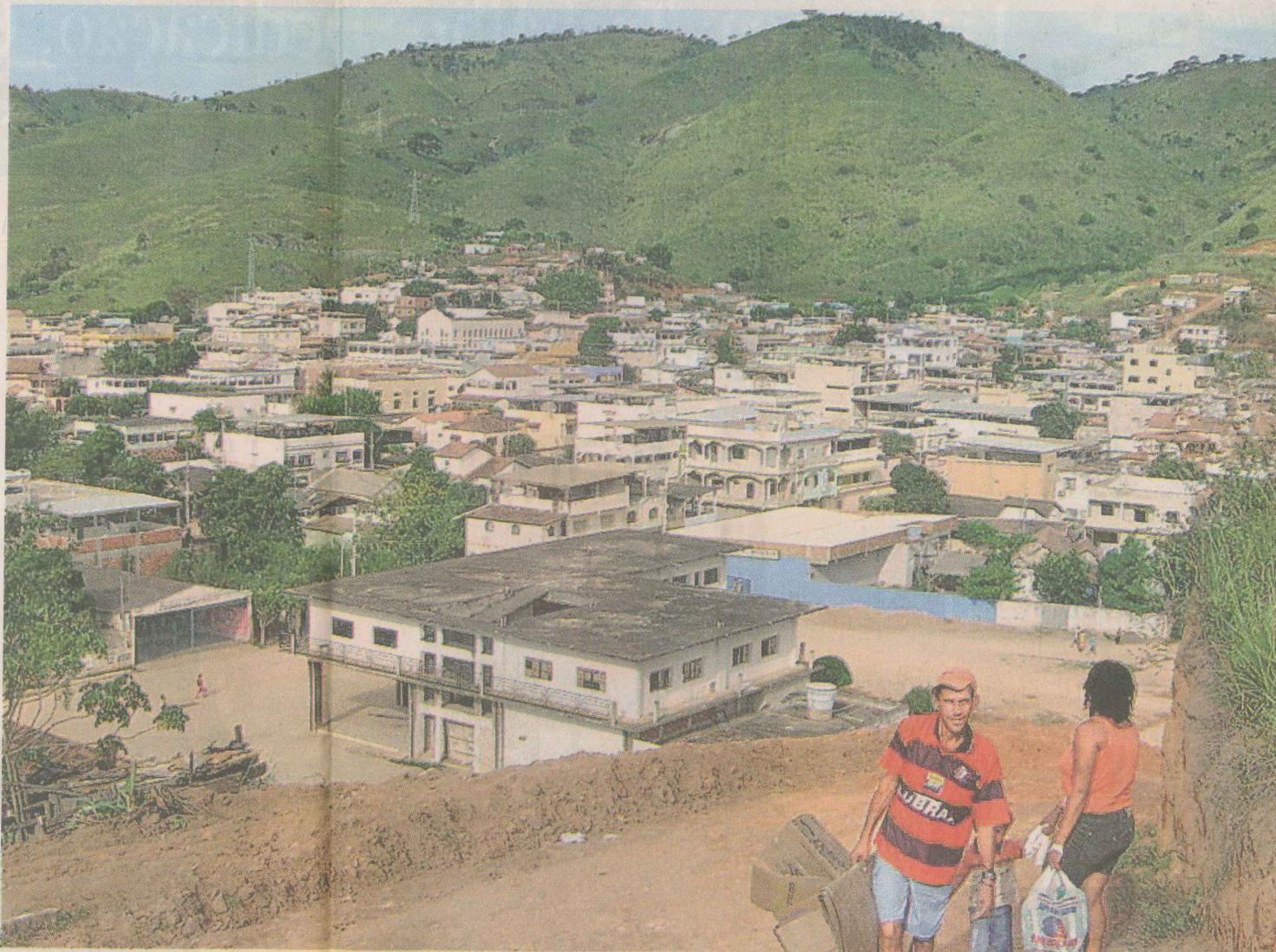
O centro da cidade dobrou de tamanho, fruto dos dólares investidos na construção civil, que sofreu um verdadeiro *boom* nos últimos doze anos, constata o prefeito de Mantenópolis, Ernesto Paizante Pereira. Paizante afirma que os dólares invadiram o comércio da região.

Tudo mais caro. "Comprar um prédio ou terreno exige peso de ouro, algo em torno de R\$ 150 mil por uma casa simples. Nossos jovens estão indo embora e os ideais são modificados. Querem ir para os Estados Unidos em vez de pensar no curso superior, casar, ou crescer aqui", comenta Elizete de Paula Rodrigues, diretora da Escola Jobe Pimentel, única de ensino médio da cidade. Nas contas de Elizete, um em cada três mantenopolitanos esteve ou mora na América.

Uma simples conversa informal no colégio, na rua ou lanchonete constata a febre dos jovens, como dizem, de "fazer a América", com metas bem traçadas: trabalhar, ganhar dinheiro e retornar.

Em meio a uma rede de atravessadores que cobram em torno de US\$ 10 mil por uma arriscada travessia na fronteira do EUA com o México, uma firma de Curitiba tenta se estabelecer em Mantenópolis a fim de provar que é possível trabalhar legalmente na América.

"Queremos devolver a iden-



EFEITOS. Na pequena cidade, de 11,7 mil habitantes, mais de mil moradores já foram viver e trabalhar nos EUA. FOTO: NILO TARDIN

ELES QUEREM IR

"Falta emprego"

DAYANE BORGES KERR

ANÁLISE

José Carlos Cosme

"A economia estagnou"

foi afetada pelo surto migratório regional de moradores das cidades mineiras para a América, liderado em nível nacional por Governador Valadares. A estimativa é que a remessa de dinheiro do exterior atinja a média de US\$ 150 mil/mês, quase igual a receita do muni-

tenópolis a fim de provar que é possível trabalhar legalmente na América.

"Queremos devolver a identidade das pessoas", diz Adriano Monteiro. A empresa recruta mão-de-obra temporária para empresas americanas em cinco cidades brasileiras.

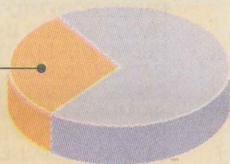
Seis namorados perdidos para a América

Seis namorados seguidos foi o que perdeu a atendente Juliana Gomes Maciel, 19 anos, devido à onda de emigração que varre Mantenoópolis. "Você conversa com a pessoa na noite, no outro dia ela está nos EUA", afirma Juliana, com ar de assustada. A língua, moda e costumes americanos não são assimilados pelos mantenoopolitanos, observa Gilmara Cardoso Tustler, 25 anos. Ao longo de cinco anos ela viveu em Boston. Não cogita voltar. Sócia de uma loja de roupas, Gilmara lembra que clientes mandam roupas brasileiras para a América. "O brasileiro tem uma grande facilidade de se adaptar a qualquer cultura. O objetivo de todos é o mesmo: juntar dinheiro", conta.

De Mantenoópolis para o mundo

Dados do Ministério das Relações Exteriores apontam que cerca de 1 milhão de brasileiros vivem nos Estados Unidos

Um estudo sócioeconômico da região aponta que **30%** do PIB de cidades do Leste de Minas e Norte do Espírito Santo é proveniente de dinheiro do exterior enviado pelos imigrantes.



LOCAIS PREFERIDOS DO MANTENOPOLITANOS PARA TRABALHAR

- 1 Boston
- 2 Nova Iorque
- 3 Flórida
- 4 Portugal



A contagem feita em 2002 por capixabas em Boston revelou que **1,1 mil** pessoas foram de Mantenoópolis para os EUA.

PRINCIPAIS QUEIXAS DOS CAPIXABAS NO EXTERIOR

- A solidão
- O choque cultural
- A frieza dos americanos



EMPREGOS MAIS FREQUENTES

- Ajudante de pedreiro
- Garçom
- Cuidar de crianças e idosos
- Faxineiros

A maioria não fala inglês

As levadas de capixabas e mineiros que vão pelo México chegam a formar grupos de 30 pessoas semanais

O tempo média de estadia varia de dois a cinco anos

Faturam entre **U\$ 7 e U\$22** a hora trabalhada Portugal também está na rota dos mantenoopolitanos como porta de entrada nos EUA

"Falta emprego"

DAYANE BORGES KERR
Estudante

"Meu irmão mora na América. Cheguei a ir ao consulado no Rio de Janeiro tentar o visto, mas fui barrada. Tenho muita vontade de ir. Aqui são poucas as chances de prosperar, devido à falta de empregos. É difícil uma família de Mantenoópolis que não tenha alguém nos EUA. Com o dinheiro que meu irmão mandou, reformamos nossa casa. As notícias de mortes na fronteira deixam o pessoal assustado, mas não impedem viagens".

"Dias melhores"

ELIETE DE PAULA GIACOMIN
Secretária

"Vou para a América atrás de dias melhores. As coisas aqui estão complicadas. Meu marido e três filhos já concordaram. Espero ficar uns três anos. Não acho que seja ilusão. O país oferece condições de se ganhar dinheiro e eu quero dar um bom estudo aos meus filhos. Só vou com a documentação legalizada, senão a gente acaba sofrendo bastante"

MANTENOÓPOLIS

Fica a menos de **20 km** da divisa do Espírito Santo com Minas Gerais, a 125 km de Colatina

População: **11,7 mil** habitantes

85% das terras são ocupadas por pastagens e cafezais



"A economia estagnou"

A taxa de natalidade em vários países do mundo ocidental caiu bruscamente nas décadas passadas. A ONU estima que só a Europa irá necessitar de 5 milhões de imigrantes para ocupar postos de trabalho até 2025. A situação inverteu o fluxo migratório ocorrido do final do Século 19, quando os europeus vieram substituir o trabalho escravo. O agravamento da crise econômica, a falta de perspectiva, engrossam cada vez mais a leva de pessoas que tentam a sorte no exterior. A economia baseada no café e gado estag-

nou. Muitas cidades pararam no tempo, complicando a vida. O fenômeno foi regionalizado no Norte do Estado, vindo de Minas Gerais. Na área, as conversas tomam sempre o mesmo rumo como se emigrar fosse coisa natural. As pessoas vão para o exterior reconstruir suas vidas. Levar alguém do Brasil para ajudar a segurar a barra e a saudade ajuda a montar a corrente migratória.

José Carlos Cosme. Mestre em Economia e professor de Antropologia da Unesc

"Meia hora a mais no deserto e teria morrido de sede"



SAPATO DE RECORDAÇÃO. Um pé na América, outro em Mantenoópolis. É raro na cidade quem não tenha um parente ou amigo nos Estados Unidos. As histórias de sucesso, aventuras e infortúnios não inúmeras. Há empresas e fazendas compradas com o fruto do trabalho em terras americanas. Mas nem tudo são flores. A travessia pelo deserto mexicano quase custou a vida do comerciante Milton Marcos de Moraes, 48 anos. "Meia hora a mais e teria morrido de sede, se a polícia não tivesse me salvado. Dei graças a Deus por ser preso", contou. Perseguido pela patrulha da fronteira, escorregou, caiu num buraco e foi roubado pelos

"coiotes". Segundo ele, o "coiote" lhe estendeu a mão como se fosse ajudá-lo, mas puxou sua bolsa com os litros de água, documentos e 200 dólares. O caso aconteceu há três anos e até hoje ele guarda o sapato que calçava no dia, como "troféu" da aventura mal-sucedida. Milton ficou 40 dias preso e foi deportado. O relato mostra o risco de cair nas malhas da máfia da imigração ilegal. "Não tenho interesse em voltar", diz, mesmo com um filho, nora e neto nos EUA. No início deste mês, o agricultor de Pancas Adimar Rosa, 48 anos, morreu assim que uma van conduzida por coiotes capotou lotada de clandestinos. FOTO: NILO TARDIN